

ESCOLARIZAÇÃO DA INFÂNCIA EM PARANAÍBA (MT): MEMÓRIAS DE EX- ALUNAS DO EDUCANDÁRIO SANTA CLARA (1955-1958)

Tatiele Borges dos SANTOS¹

RESUMO

A presente pesquisa está vinculada ao campo da educação e tem como objetivo central explorar aspectos históricos sobre o Educandário Santa Clara, na cidade de Paranaíba (MT). O estabelecimento escolar foi criado por lideranças locais e regionais em conjunto com membros da Ordem dos Frades Menores (OFM), da Província da Turíngia na Alemanha, mas desde a sua inauguração foi dirigido por freiras provenientes da Alemanha, vinculadas à Congregação das Irmãs Franciscanas de Siessen (CIFS). Por um período, o atendimento às crianças foi destinado à educação em regime de internato para as meninas e externato misto, para meninas e meninos. Elegemos o recorte temporal do ano de 1955/1958 por evocar as memórias das ex-alunas internas entrevistadas da instituição. Por meio das entrevistas realizadas, observamos a rotina escolar permeada de horários, atividades e punições, utilizadas no sentido de disciplinar. As fontes orais nos permitiram evidenciar os processos histórico-sociais na região, a infância e a escolarização no Educandário Santa Clara. Com efeito, a proposta contribuirá com a atual e futuras gerações no sentido de preservar a contento as memórias das internas do Educandário Santa Clara que servirá de estímulo para pesquisas futuras.

Palavras-chave: Infância. Memória. Franciscanas. Educação católica franciscana

1 INTRODUÇÃO

A inserção das freiras - Ordem dos Frades Menores (OFM) no Educandário Santa Clara em Paranaíba (MT) oferece-nos um contexto legítimo de investigação a respeito das normas e práticas utilizadas no contexto escolar. Na presente proposta apresentam-se as memórias de ex- alunas, internas desta instituição, no período compreendido entre 1955 e 1958 e, para tanto, utilizamos pressupostos teóricos e metodológicos oriundos da História Oral e fontes iconográficas. A escola foi criada em Paranaíba (MS), por lideranças locais e regionais, em conjunto com membros da Ordem dos Frades Menores (OFM). Entretanto, foi dirigida desde a sua inauguração por freiras provenientes da Alemanha, vinculadas à Congregação das Irmãs Franciscanas de Siessen (CIFS). O atendimento às crianças foi por longo período constituído do internato para meninas e externato de aspecto misto.

Por meio dos pressupostos metodológicos da história oral, apresentaremos 03 (três) entrevistas de ex-alunas do internato e seus depoimentos foram analisados a fim de obtermos dados que apontassem a rotina escolar, permeada por horários determinados para todas as

¹ Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade de Paranaíba, tatielebds@hotmail.com

atividades, tais como: o repouso, o estudo, a alimentação, o lazer, as orações e punições, usadas para disciplinar. Contudo, por meio das fontes orais, observamos os processos histórico-sociais, recuperando a memória da infância e da escolarização da instituição em questão.

Desta forma, a proposta possibilita-nos ter uma compreensão sobre a infância e a escolarização no Brasil e a atuação franciscana em Paranaíba (MT), apresentando a trajetória das Irmãs Franciscanas de Siessen, a fim de compreender a atuação na cidade local e na região. Por fim, apresentamos as entrevistas com ex-alunas internas do Educandário Santa Clara, recurso que encontramos para obter algumas memórias e representações da educação católica da época e que nos possibilitou compreender aspectos relacionados aos métodos de ensino utilizados pela instituição, tais como: rituais, castigos, práticas, entre outros.

2 INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO BRASIL

A análise existente sobre a história da infância afirma que a preocupação com a criança começou a partir do século XIX, tanto no Brasil como em outros lugares do mundo. A infância se constituiu como um problema social desde esse período, porém não foi suficiente para torná-la um problema de investigação científica. Desta forma, estudos mostram que as histórias da infância e da educação pareciam ser dois campos distintos desde o início da década de sessenta (ARIÉS, 1973).

Ariés ressalta ainda que durante a Idade Média, antes da escolarização das crianças, todos compartilhavam os mesmos lugares e situações, tais como: trabalho, festa e os afazeres domésticos. Observa-se, assim, que na sociedade medieval não havia a divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos e nem o sentimento de infância ou uma representação para essa fase da vida (ARIÉS, 1973).

No caso da relação entre as gerações infantil e adulta, observa-se um maior desequilíbrio de poder. Ao se adquirir maior conhecimento do desenvolvimento biológico e psicológico das crianças e uma maior sofisticação nos aparatos legais de organização da sociedade, ocorreu uma ampliação da dependência funcional das crianças em relação aos adultos. Esta ampliação implicou na dependência social das crianças em relação ao Estado e às diferentes instituições, com destaque aqui para a escola (VEIGA, 2003).

Dessa maneira, pode-se afirmar que,

A constituição da infância civilizada se fez em meio às alterações das funções sociais dos adultos, à racionalização das atitudes e à produção de expectativas sobre o lugar do futuro adulto. Quando os adultos foram deixando, aos poucos, de perceber a criança no seu presente como um “adulto em

miniatura”, projetaram-na para o futuro, sendo a infância interpretada como um tempo de construção do futuro num contexto de reelaboração dos sentimentos da passagem do tempo e de elaboração da noção de previsibilidade (VEIGA, 2003. p.26).

No entanto, para uma parcela crescente da população, a história da infância caminha paralelamente com a história das instituições escolares, pois a inserção da criança no espaço escolar a ensinava a ser aluno, através de novas concepções de infância, com a escolarizada (POUBEL; SILVA, 2006).

Segundo Vidal (2004), o estudo sobre a escola, a partir de sua exterioridade e constituído pelo aporte legal, passou a conviver com investigações que invadem o interior da escola, que procura a singularidade da instituição escolar, entendida como produtora de várias culturas. E, ainda neste sentido, é importante pontuar que com o intuito de compreender como essas figuras compuseram matizes da forma e cultura escolar, a investigação vem elaborando quadros compreensivos sobre a escolarização dos saberes sociais em disciplinas escolares e a produção das práticas escolares, atentando para uma dinâmica própria da escola brasileira, entretecida e conformada pelas representações sociais, mas, também, produtora de configurações singulares, que remetem a peculiaridades do contexto escolar (VIDAL, 2004, p.3).

Uma vez que a escolarização passou a ser para todas as crianças, o espaço escolar se constituiu num novo lugar de socialização da infância, com objetivos coletivos para o futuro. Dessa maneira, o Estado passou a tomar conta das instituições escolares com o intuito de controlar os desenvolvimentos imaginários de coesão social e a interação que ocorre durante a socialização da criança, da infância (VEIGA, 2003).

Entende-se que é necessário estudar a cultura escolar a partir de compreensões sobre as relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, em determinado período de sua história, com o conjunto de culturas contemporâneas, tais como: cultura religiosa, cultura política e cultura popular (JULIÁ, 2001).

A infância, a criança e a escolarização são abordadas em diferentes momentos históricos, porém há um longo caminho a percorrer no sentido de desvendar que infâncias foram produzidas antes e depois do processo de escolarização (RODRIGUES, 2010).

Nesse sentido, a escola se constrói e se consolida como meio de convivência social, de experiência comum, coletiva, na qual os ideais da sociedade assumem, paulatinamente, os conteúdos, o tempo e a cultura escolar. Há, portanto, uma redefinição dos modos de pensar e agir; uma redefinição da família, em seu modelo e função, pois o cuidado com a educação da infância é redirecionado para a escola ou para os institutos de assistência social, estabelecendo, assim, uma genealogia da escolarização com base em quem

melhor educa, quem é mais apto a educar e para que educa. (RODRIGUES, 2010, p.34).

Diante dessa questão, Juliá (2001) evidencia a possibilidade de ter a cultura escolar como objeto histórico e afirma que é possível compreendê-la como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, um conjunto de práticas que permitem a transmissão e a incorporação dos conhecimentos. Trata-se de normas e práticas intercaladas a finalidades, políticas, religiosas, econômicas e de socialização. Essas práticas podem se modificar em diferentes épocas por meio do conjunto de normas e do corpo profissional, formado por agentes e pelos dispositivos pedagógicos necessários para sua efetivação (JULIÁ, 2001).

É pertinente ressaltar que houve o tratamento diferencial da escolarização e da infância, principalmente com a fundação de novos prédios escolares e a fundamentação médica e higienista, cujas intenções eram propiciar às crianças espaços saudáveis de aprendizagem (VEIGA,2003).

Diante dessas questões, Chartier (1991) destaca que as noções complementares de práticas e representações são extremamente úteis, pois por meio delas, podem-se examinar os objetos culturais produzidos e os sujeitos produtores e receptores de cultura. Torna-se possível, assim, analisar os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que oferecem suporte a estes processos e sujeitos e, por fim, as normas as quais as sociedades se conformam ao produzirem cultura, inclusive através dos costumes.

3 ATUAÇÃO FRANCISCANA EM MATO GROSSO (MT)

Conforme aponta Marin (2010), os franciscanos vieram para o Brasil abrigar-se da Segunda Guerra Mundial, devido a Província de Turíngia ter a missão de Hokkaido, no Japão, período em que havia uma proibição à entrada dos religiosos. Encontraram no Brasil um campo missionário e lhes foram destinadas como missão algumas paróquias localizadas em Belém, São Luís, Rio Grande do Sul e todo o estado de Mato Grosso.

Nesse contexto, as Franciscanas,

Desde a chegada ao Mato Grosso, os Franciscanos procuraram aproximar-se daquilo que buscavam compreender e intervir. O homem, a natureza, o cenário religioso e a cultura mato-grossense tornaram-se objetos de observação, reflexão e classificação, com o objetivo de ordenar, dominar, subordinar e remodelar. (MARIN, 2010. p. 27).

No século XVIII, os Franciscanos ocuparam o Paraguai. Nesse período, os trabalhos missionários da América espanhola eram liderados pela Ordem Franciscana e, assim, no período colonial, os missionários franciscanos trabalharam em terras mato-grossenses, na região sul, e tiveram como principal objetivo aldear os índios e convertê-los ao cristianismo. Posteriormente, as missões franciscanas foram passadas para os missionários jesuítas e, para Frei Pedro Knob, a troca de ordens religiosas foi imposta pelo governador de assunção Hermano Arias de Saavedra, que visava catequizar os povos indígenas através da fé católica (DUARTE, 2007).

Diante dessas condições, os missionários tiveram que aprender a conviver com, no mínimo, duas ou mais identidades e a falar duas ou mais linguagens culturais, tradução e negociação entre as culturas. Eles passaram a pertencer a mais de um mundo, sem pertencerem completamente a nenhum deles e, assim, não tinham um lugar certo ou chegada a algum lugar estável, fixo e confortável. A busca para criar um lugar de pertencimento foi constante e suas identidades tornaram-se ambíguas, flutuantes, deslocadas e contraditórias, pois cada uma delas influenciava as demais. Os Franciscanos foram obrigados a organizar suas vidas, as metodologias pastorais e as doutrinas da Igreja Católica (MARIN, 2010). Ainda conforme este autor,

Os franciscanos nunca se desligaram totalmente das suas raízes, pois mantiveram fortes vínculos com seus lugares de origem e suas culturas, tradições, histórias e linguagens, assim como as tentativas de preservarem sua identidade cultural alemã, embora essa não seja a única fonte de identificação. Eles tiveram de renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida”, de absolutismo étnico ou de homogeneidade religiosa, pois foram obrigados a negociar com as novas culturas, tradições, histórias e linguagens do Brasil sem serem completamente assimilados (MARIN, 2010, p.25).

O ideal missionário franciscano era conquistar e assim, firmado nesse pressuposto, os missionários educariam os indígenas, com foco na religião, pois para os franciscanos os índios não tinham leis, nem Deus. Civilizariam os mato-grossenses e, desde que chegaram, procuraram observar e intervir sobre a natureza, o homem, o cenário religioso e a cultura mato-grossense. Nesse contexto, ao observarem a natureza em sua diferença, procuravam conquistar e administrar, sempre com o objetivo de ordenar e remodelar. A Ordem Franciscana da província da Turíngia enviava religiosos ao exterior, para que suas missões continuassem. Enquanto isso, no Mato Grosso, frei Eucário Schmitt precisava de mais missionários para atender às paróquias (MARIN, 2010).

Diante dessa situação, os ideais da religiosidade poderiam dispersar o comprometimento com o projeto missionário, que tinha como objetivo construir uma nação

católica. O catecismo e a instrução primária seriam os instrumentos utilizados contra as ameaças reais e virtuais que circulavam e se manifestavam entre o povo. É nesta perspectiva que os protestantes, os espíritas, os católicos brasileiros e os disseminadores do comunismo deveriam ser combatidos. Os franciscanos, portanto, conservaram no projeto missionário os modos de regular, disciplinar e controlar a participação litúrgica, vinculando as práticas religiosas sob os mandamentos, sacramentos e preceitos da fé cristã católica. (BARROS, 2011).

A partir de 1940, as irmãs e os padres passaram a ser perseguidos pelo governo brasileiro e, após a guerra, os frades Franciscanos tiveram a possibilidade de trabalhar com mais tranquilidade em Paranaíba, onde ampliaram as obras sociais realizadas na década de 1950, tais como: o Colégio Educandário Santa Clara e o Colégio Patronato São José. Devido às turbulências da Segunda Guerra Mundial, a questões financeiras e por influências de políticas governamentais do Brasil, o Colégio São Francisco foi fechado em 1944. (DUARTE,2007).

O Educandário Santa Clara², que foi administrado pelas irmãs franciscanas de Siessen, está localizado no município de Paranaíba, estado de Mato Grosso do Sul, porém na época referida na presente pesquisa (1955-1965) o atual estado ainda constituía-se parte do estado de Mato Grosso. O desmembramento do estado somente ocorreu 1977.

3.1 IRMÃS FRANCISCANAS DE SIESSEN: EDUCANDÁRIO SANTA CLARA

No dia 2 de março de 1854, um grupo de quatro Irmãs e três Postulantes entraram para o Convento de Oggelsbeuren na Alemanha, o qual foi o antigo Convento Franciscano, desapropriado desde 1782 por intervenções políticas. Essa nova fundação em Oggelsbeuren era um ramo de Dillingen, sendo o convento mais antigo de Franciscanas da Alemanha (SIESSEN, 2013).

O inspetor escolar Padre José Kuonz, com a autorização do Bispo de Rottenburg, dirigiu o pedido à superiora do Convento das Franciscanas de Dillingen, Irmã Theresia Haselmayer, para a instalação de um Convento feminino com a finalidade de criar um Instituto de Educação e Ensino para as jovens (SIESSEN, 2013). Diante do pedido, madre Theresia disse,

Nossa Santa Ordem deve ser, em todo lugar, pobre e menor, no espírito de seu Fundador, nosso Seráfico Pai São Francisco. O seu fundamento será

² Lei complementar nº 31 de 11 de Outubro de 1977

sempre a simplicidade do olhar confiante em Deus, no seu poder e cuidado. E quando os seus membros fiéis a esse espírito dão início a uma nova obra, nunca passarão necessidade (Carta da Fundação). (SIESSSEN,2013).

No ano de 1860, a nova Comunidade mudou-se para o vilarejo de Siessen na Alemanha, que respondeu aos apelos missionários, em 1934. A pedido do Pe. João Batista de Aquino, chegaram ao Brasil em 1936, na cidade de Agudos, com a missão principal de educar os jovens pobres. Em seguida, também assumiram a missão de cuidar dos doentes em hospitais, assim como outras atividades pastorais. Com o passar dos anos, devido aos sinais dos tempos e a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II, no dia 08 de agosto de 1996, no Capítulo Geral – Siessen – Alemanha, foi obtida a aprovação da Província Santa Clara em Guaratinguetá – SP, alterando o trabalho nas escolas para assumir novas frentes de trabalho, mantendo-se o carisma (SIESSSEN,2013).

Atualmente, são prestados, por meio de diversas ações pastorais em Paróquias e meios populares mais carentes, trabalhos com o objetivo de recuperação de dependentes químicos, como por exemplo, a “Fazenda da Esperança”, em creches e missões populares. Seguindo os passos de São Francisco de Assis, bem como sua espiritualidade, continua em andamento a missão pelo Reino de fidelidade à Igreja e vivência da Palavra de Deus (SIESSSEN, 2013).

No ano de 1938, no domínio de Hitler, a Alemanha encontrava-se em uma situação de poder, sendo ameaçadora e, assim, Frei Pedro veio para o Brasil (PARANAIBA JORNAL, 1980). Ao mesmo tempo,

[...] as Dioceses de Cuiabá e de Corumbá, por seus Bispos, Dom Aquino Corrêa e Dom Vicente Priante, pediam Padres para as missões paroquiais. Depois de um estágio em São Paulo, Frei Pedro veio para o Comissariado dos Franciscanos em Mato Grosso, assumindo a Paróquia de Chapada dos Guimarães.(PARANAIBA JORNAL, 1980. p. 1).

Frei Pedro,

Nascido em 13 de maio de 1908 no município de Moggingen, da comarca de Schwaben, Alemanha Ocidental, onde estudou e ordenou-se Padre da Igreja Católica Apostólica Romana, em 1935, com a profissão religiosa de São Francisco de Assis, pela Ordem Terceira dos Frades Menores. (PARANAÍBA JORNAL, 1980, p.1).

Em outubro de 194?, frei Pedro chegou a Paranaíba para ser vigário nos distritos de Aparecida do Taboado, São Pedro (Inocência), Paraíso e de Baus, inexistindo Cassilândia. Contudo, a cidade de Paranaíba era o maior município em questão demográfica rural do Estado (PARANAÍBA JORNAL, 1980).

Em 1951, após as fases de expiações, Fernando Correa da Costa foi designado no governo do Estado, os Padres alemães se sentiram seguros acerca da direção local de frei Pedro, que se destinou à religião e à vida da população. Assim reconstruíram a residência paroquial que se encontrava em situação precária e, com a ajuda dos católicos da região, construíram a Matriz da cidade local (PARANAÍBA JORNAL, 1980).

Posteriormente³, em uma conversa informal em 1951 na residência paroquial entre o pároco frei Pedro Holz e os coadjutores, frei Liberato Ketterer e frei Fredolino Hasenfraz, juntamente com o advogado Walter Faustino Dias, tiveram a ideia de criar um estabelecimento particular com princípios religiosos em Paranaíba (MT) (LEAL,2005).

O advogado e vereador Walter Faustino Dias apresentou o projeto sobre o referido estabelecimento à Câmara Municipal, para o presidente Capitão Martinho da Palma e Oliveira, o qual aprovou a proposta e autorizou o Poder Executivo aforar gratuitamente ao comissariado dos franciscanos, na cidade de Campo Grande, um lote de terreno para ser construída a instituição idealizada. Em seguida, o prefeito Manoel Garcia Leal sancionou o projeto, tendo como amparo a Lei nº34, de 20 de outubro de 1951. Assim, com a posse do terreno, os frades franciscanos iniciaram a construção da planta, com o auxílio de operários, do Educandário Santa Clara (LEAL, 2005).

Em 24 de agosto de 1952, frei Pedro Holz realizou uma reunião, com as autoridades e as famílias católicas da cidade de Paranaíba (MT), para apresentarem a proposta de fundação da instituição, que foi aprovada. Dessa maneira, foram nomeados, em 23 de setembro de 1952, os primeiros representantes da instituição escolar, sendo composto por um diretor, um secretário e dois tesoueiros (LEAL, 2005).

O Educandário Santa Clara foi construído rapidamente com a ajuda da população local, juntamente com o governo Estadual e Federal. Contava com sete salas de aula, diretoria, secretaria, enfermaria, capela, refeitório, cozinha, quadra de esportes, um espaço com plantas frutíferas e hortaliças e uma residência destinada às religiosas (LEAL, 2005).

Em 1954, frei Pedro foi à procura de congregações religiosas para atraí-las para exercerem a Missão educacional da instituição escolar. Ofertaram os trabalhos educacionais religiosos à Congregação das escravas Concepcionistas do Sagrado Coração, do Rio de Janeiro e para as religiosas Franciscanas de Siessen, oriundas da Alemanha, e ambas as congregações religiosas recusaram o convite. Após insistências de frei Pedro, a madre Clara,

³ Os dados foram retirados da revista “50 anos do Educandário Santa Clara”, e o referido autor é o professor Gastão R. Leal, que privilegiou o “Arquivo Histórico Guilherme Hans de Paranaíba e Museu Dico Quirino”, com seu trabalho, depositando o seu arquivo pessoal de objetos das instituições para a construção dos centros históricos da cidadelocal

superior das Franciscanas de Siessen, atendeu à solicitação e veio visitar a obra da instituição que estava sendo construída. (LEAL, 2005).

Após a visita, atendendo aos apelos de frei Pedro, as religiosas aceitaram o convite e, em 17 de fevereiro de 1955, iniciaram o trabalho com a primeira turma no Educandário Santa Clara, com as religiosas: irmã Adelgisa Fuchs, superiora, irmã Maria Edith de Lima, irmã Maria das Graças P. Silva, irmã Maria Fides Gonçalves e a aspirante Dejanira Leite. Um grupo de distintas senhoras, juntamente com frei Pedro, foram ao encontro das religiosas no Porto do Taboado, para saudá-las com boas-vindas à região (LEAL, 2005).

Foi celebrada a primeira missa em 20 de fevereiro de 1955, na qual as religiosas foram apresentadas à comunidade local, num momento destinado ao acolhimento destas. As irmãs instalaram-se nas dependências do Educandário Santa Clara de Paranaíba (MT). A assembleia Legislativa aprovou o projeto de “Utilidade Pública” pela lei nº 806, de 7 de setembro de 1955, cuja iniciativa partiu do deputado Estadual Walter Faustino Dias (LEAL, 2005).

A instituição em questão funcionou sob direção do Dr. Walter Faustino Dias no período compreendido entre 1954 e 1971. Em 1959, foi realizada a primeira entrega de diploma à primeira turma de formandos e, em 1963, por meio da decisão da superiora irmã Maria Francisca Leis, foi implantada na instituição a “Escola Normal Santa Clara”, com o intuito de oferecer aos alunos o curso ginásial. O curso foi autorizado pela Secretária de Educação em 1964, com as turmas de 5ª a 8ª série do ensino fundamental. Nesse mesmo ano, chegou à instituição a superiora Wanda Pfander, religiosa de caráter empreendedor, que deu início à construção do sobrado do prédio para o curso ginásial (LEAL, 2005).

Após o falecimento da irmã Wanda, em 1967, assumiu como superiora a irmã Maria Madalena Sartori (1ª a 3ª do Ensino médio), devido ao requerimento junto à secretária Estadual de Educação. Na década de 80, ainda sob direção das religiosas franciscanas, apresentaram, como tentativa de inovar a instituição em busca de atrair alunos, a entrega a direção da instituição à professora coordenadora Maria Ivete da Cruz Bruno, que assumiu a direção em 1989. Aderiu-se ao Sistema de ensino “Objetivo” e, em setembro de 1996, as religiosas decidiram encerrar as atividades educacionais e pastorais em Paranaíba, passando a direção ao Sr. Gerson Trevisani da Rede Prevê Objetivo de Bauru – SP que contratou o Prof. Júlio Carlos da Silva para assumir a direção, cargo que ocupa até o presente momento (LEAL, 2005).

4 MEMÓRIA DE EX-ALUNAS DO EDUCANDÁRIO SANTA CLARA

Nas entrevistas que realizamos, foi utilizado um roteiro com eixos temáticos que buscam resgatar a história por meio da memória, tais como: as histórias das ex-internas, a infância no campo, os preparativos para adentrarem na instituição, os métodos de ensino, as brincadeiras, as vestimentas, as visitas na instituição, a rotina escolar e as contribuições à vida. Na busca desses estudos, observamos informações e impressões que contribuem para a historiografia da escolarização da infância de Paranaíba (MT).

Nesse contexto, Vidal (2009) destaca que olhar a escola através das lentes da cultura escolar nos permite a ampliação do entendimento sobre o funcionamento interno da instituição, de modo a rever as relações estabelecidas historicamente entre escola, sociedade e cultura. Permite-nos perceber, ainda, o trânsito de sujeitos, ou seja, as constantes negociações entre normas e práticas e os aspectos relacionados à modificação da cultura material escolar.

Acerca da cultura escolar, Juliá (2001) orienta-nos a voltar os olhos para o funcionamento interno das instituições escolares, para observar sua história sociocultural, as resistências, as tensões e os apoios para a execução dos projetos educacionais. Assim, ao verificarem-se as normas e as práticas escolares, o modo de transmissão de conhecimentos, saberes e valores a serem inculcados na escola, as estratégias de apropriação e a organização do tempo no espaço escolar, analisa-se também o currículo escolar. Vale ressaltar que a cultura escolar não deixa de ser uma importante ferramenta teórica para explorar o passado e o presente da escola na sua relação com a sociedade e a cultura, no jogo tenso das lutas de poder que perpassam o ambiente escolar, marcado por contradições sociais.

Nesse contexto, o currículo mostra experiências e atividades ligadas à organização do tempo, espaço, método, saberes e hábitos, comportamentos e avaliação, ou seja, o modo pelo qual os governantes e intelectuais organizaram o currículo escolar para a formação da infância. (VIDAL, 2009).

Por fim, apresentaremos os relatos das ex-internas do Educandário Santa Clara, entrevistas realizadas de forma conjunta e, assim, os depoimentos permitirão reviver o passado, o período pesquisado, a fim de presenciar e vivenciar a infância e escolarização, por meio das memórias das depoentes.

Os dados analisados possibilitaram-nos entrar em contato com as vivências das ex-alunas internas, do período em que moravam no campo. Retratar-se, dessa forma, as particularidades de vida nesse contexto. A seguir, está a fala de uma das internas sobre suas memórias no campo.

P1: “E, quanto a minha infância, eu fui criada na fazenda, na região do córrego fundo. Era uma fazenda, era um lugar bem assim gostoso, movimentado. Ia muita gente, tinha muito pião. E iam muito as comadres. [...] É, sempre iam muito para visitar. E, embora assim, eu não tinha nenhuma irmã, eu brincava muito com meu irmão, o “O”, que tinha quase a minha idade. Já o “O” era mais novo do que nós, sete anos. Mas, mesmo assim minha infância foi muito boa, muito gostosa, por que nós brincávamos muito, nós combinávamos, às vezes dá umas briguinhas, mas o normal nosso era combinar. E, às vezes tinham algumas meninas que ficavam alguns dias em casa. A mãe ia passear na minha mãe, em casa. E na hora de ir embora eu pedia para ficar. Era muito gostoso porque brincava muito de casinha, d e boneca”

A entrevistada destacou a existência de um bom convívio social entre os familiares e a comunidade escolar. Esta percepção se assemelha com o outro depoimento, como por exemplo:

P2: “Nasci e me criei na fazenda Barreirinha do Ariranha até os nove anos. Eu fiquei com meus pais sempre ouvindo dizer que eu tinha que vir para a escola (risos). Vim para a vila estudar mais um tempo. Foi um tempo maravilhoso para mim por que eu tenho saudades, inclusive essa fazenda ficou, vamos dizer que ficou para mim e para minha família e a gente comprando e pegando pedaços de outros e também tinha dois tios. Nossa nem percebi, tinha dois tios que não casou e eles eram bem de situação e ficaram com nós, e como meu pai já tinha falecido, ficou para as quatro filhas e durante o tempo do meu pai e da minha mãe o convívio com eles ali muito bom, muita fartura, fartura de verdade que a gente tem saudades hoje, muito requeijão, minha mãe fazia aquelas tabua, chegava embolorar por fora e nada era vendido pra ninguém era para dar para as pessoas que fosse lá, ela tinha a família dela que morava aqui em Paranaíba. Então trazia, outros iam daqui para lá, muito era assim na estrada passava muita boiada também em volta, inclusive lá na “V”, também”.

Nota-se também que não havia momentos específicos para brincarem podendo ser livres para fazê-lo em companhia de outras crianças. Sobre isso, a entrevistada ainda relata que:

P1: “E depois nós íamos brincar, andar a cavalo, ir para os pastos, ou então, ia tratar dos porcos. E brincávamos né. “Sempre”. Balanço, de sabugo, fazia que era boi né. Às vezes o meu irmão brincava comigo de casinha e eu sei que nosso dia era muito assim, eu não via o dia passar, por que a gente sempre inventava uma coisa pra brincar. A criança assim, quando ela é criada solta, à vontade, ela cria seus brinquedos, precisa ninguém fazer brinquedo pra elas que elas mesmo cria. Então, os nossos brinquedos nós mesmos é que criávamos. E aquilo assim era muito bom, muitogostoso”.

Conforme citado acima, é possível identificar a percepção da ex-interna, quanto à livre expressão da liberdade em suas brincadeiras num contexto que também foi propício para a criatividade.

Destaca-se ainda a dificuldade do modo de agir da família, no momento da despedida da criança e do primeiro contato da entrevistada com o Educandário, além disso, o relato da ex-

aluna sobre sua estranheza diante a diferença dos costumes vividos até então, conforme relata a depoente P2:

P2: Minha mãe enfezou comigo e falou que era para o meu bem.

P2: Chegou aqui, depois no outro dia cedo ele me levou. Meu Deus! Quando eu vi aquela freira foi como se eu tivesse visto um bicho (risos). Tudo estranho para mim. Eram franciscanas as irmãs daqui. E tudo tampado, só aquele rostinho.

As ex-alunas demonstram grande tristeza ao falarem do momento em que as visitas de seus familiares aconteciam no Educandário. Percebe-se uma tristeza em seus depoimentos diante dos muros desta instituição escolar, vivenciado pelas internas, conforme relato da depoente

P3: “Eles vinham visitavam, voltavam, a gente chorava, achava ruim (risos). Achava ruim, porque lá tinha liberdade, e aqui no colégio não. Aqui era ali, saía, ia à missa, voltava. Quando tinha missa no colégio e no domingo a gente vinha na matriz”.

Observamos que, para adentrar no Educandário Santa Clara, era preparado um enxoval para as internas, sendo estabelecido as vestimentas e objetos de uso pessoal a serem usados nesse novo contexto, conforme menciona a entrevistada:

P1: “Tinha um modelo. Esse detalhe eu não sei. Sei que tinha o uniforme de ir para a escola, e o uniforme de ficar no internato. Eu fiquei interna, em cinquenta e cinco. O enxoval era roupa de cama, toalha de mesa, e as roupas íntimas e tal. Era a camisa, a blusa era branca e a saia azul marinho pregueado”.

As ex-alunas internas do Educandário Santa Clara relatam suas experiências cotidianas. A partir destes dados, pode ser percebida uma rotina desgastante enquanto estavam no internato.

P2: “Três batidinhas: “toc, toc, toc”. A gente já acordava, todas levantavam, já escovava os dentes, já saíam e iam pra capela”. Levantava cinco e meia (05h30min), porque seis (6h) horas a gente tinha que estar na capela. Capela era como se fosse uma igreja e ai lá tinha a missa, a missa era bem rapidinha, quando a gente levantava a gente rezava, porque agradecia a Deus, ai saía do dormitório e ia para a capela rezar, saía dá [...], tudo de manhã. Bem cedo. Saía da capela ia para o refeitório tomar o café da manhã.”

Ainda nesse contexto, as ex-alunas internas, relataram a rotina vivenciada no Educandário Santa Clara, que era permeada de rezas. Relatam que:

P2: “Separadas! Só as internas, mas ia uma freira, ficava sentada na mesa. Então quando a gente chegava ao refeitório cada uma tomava seu lugar, porque tinha um lugar para cada uma, ai rezava para tomar o café da manhã. Ai quando a gente terminava de tomar o café, rezava para agradecer a Deus o café que a gente tinha tomado ai a gente saía para ir para a sala de aula, que começava sete (7) horas”.

O tempo no espaço escolar relaciona-se à construção da identidade da criança, sendo: os calendários, os horários e as ordens espaciais das instituições, pois permanece espelhada nos trabalhos e nos dias das crianças e dos professores, desta forma, parte dos parâmetros delimitam a cultura da escola e as relações com a comunidade inserida. (VIDAL, 2009).

Nota-se também que elas tinham o hábito de organizar seus objetos pessoais, focando em ações voltadas para um possível traço de individualismo no cuidado de objetos pessoais, conforme relatado pela entrevistada 02:

P2: Tinha seu talher, as coisa de cama, tudo arrumadinho, a gente que arrumava as camas né.

Por meio dos depoimentos das ex-alunas, observa-se que o sistema de disciplina era rigoroso, permeado pela religiosidade e pelo não cumprimento das obrigações, das tarefas e por desrespeitar as exigências da rotina escolar no Educandário Santa Clara ficavam de castigo. A entrevistada P1, relata que: P1: “Ficava atrás de porta. Ficava de costas [...]. Ficava de pé lá, de frente para a lousa.”.

Ainda nesse contexto, a entrevistada P2, descreveu que:

P2: “O castigo era ficar atrás da porta. Eu nunca cheguei a ficar não. (risos)”. Tabuada, se não respondesse, fizesse alguma coisa errado, ficava atrás da porta. Eu acho que teve algumas pessoas, que chegou a ficar de joelho também.”

Sobre os métodos de ensino e apostilado do período retratado, a entrevistada P1, descreve a cartilha utilizada nesse período:

P1: “Cartilha, caminho suave, aquela que tem um dedo assim, tem a mão, a, e, i, o, u. Caminho suave, aquela lá que nós estudamos. Ai na segunda série, era o segundo livro, tinha livro não, era tudo copiado da lousa as matérias, era muita matéria, chamava pontos.”

Um fator marcante presente na memória das ex-alunas internas do Educandário Santa Clara foram os momentos das brincadeiras e como brincar se fazia importante, pois apesar da rigidez no ensino, as brincadeiras existiam por parte das alunas e propiciaram lembranças marcantes que puderam revelar dados relevantes sobre as brincadeiras da época.

P1: Era gostoso e outra nós brincávamos demais, o recreio era uma hora de recreio, meia hora de recreio brincando. À noite após o jantar nós brincávamos até na hora de dormir. Até na hora de dormir, não era tarde, mais brincava. Eu me lembro direitinho que as vezes estávamos no auge do brinquedo, no meio do brinquedo, tocava o sinal você tinha que parar e ir para a capela rezar para depois ir dormir. Tinha dia que eu ficava com uma raiva, não sei por que tínhamos que dormir com as galinhas. A gente queria brincar, era bom demais.

Sobre a Educação católica e contribuições para a vida, as entrevistadas P1 e P3, descrevem que

P1: “Influenciou muito na minha religiosidade, porque meus pais não, na minha casa não fazia oração, nós acreditávamos em Deus, tinha uns terços, tinha na sexta feira santa era guardada, então era só isso, e no colégio eu aprendi a rezar terço, a religiosidade, o catolicismo, eu aprendi”.

P3: é, tirar da rua, porque agora se fica muito na rua.

Com base nas informações apresentadas, pudemos notar importantes contribuições relatadas pelas ex-alunas, como por exemplo, o ensino de práticas de cuidado pessoal e convivência social. Ensino e fortalecimento das crenças religiosas valorizadas pela cultura da região naquele período. O internato exerceu uma função que se encontrava nos padrões da sociedade para aquele determinado período

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente proposta trata-se de uma pesquisa qualitativa sobre os processos histórico-sociais do Educandário Santa Clara e de Paranaíba (MT), a fim de recuperar a memória da infância e da escolarização da instituição de ensino, por meio da coleta de depoimentos. A partir das entrevistas coletadas com as ex-alunas, verificamos, por meio das representações das suas vivências no internato, as memórias da educação no Educandário Santa Clara, cujo recorte temporal foi do período de 1955 a 1958.

Buscamos evocar as memórias das alunas internas desta instituição em um determinado período e, assim, utilizamos pressupostos teóricos e metodológicos oriundos da História Oral para compreendermos as representações nessa instituição escolar. A instituição escolar administrada pelas Franciscanas de Siessen permite, por meio de sua trajetória e existência, recorrermos às lembranças do passado, para compreendermos as relações de poder estabelecidas na instituição, permeadas de disciplina e devoção em suas ações pedagógicas. Vale ressaltar que as diversas visões de mundo e de experiências de cada contexto das ex-alunas internas permitiram-nos observar relatos de autoritarismo e pouca afetividade nas relações interpessoais.

A observação dos dados nos permitiu verificar que a vida e a educação das ex-internas do internato Educandário Santa Clara (1955-1958) foram marcadas por ocupações e pelos estudos, permeadas por forte vigilância e controladas pelas freiras. Entendemos que estudos e pesquisas sobre a infância têm sido, em sua grande maioria, realizados a partir de bases documentais amplas, vinculados aos temas e objetos de pesquisa, enquanto fontes para a historiografia dessa fase do desenvolvimento humano.

Por fim, a pesquisa nos possibilitou compreender a educação no internato, que apresenta aspectos voltados para a formação de mulheres com princípios católicos, estabelecidos na educação do Educandário Santa Clara.

SCHOOLING OF CHILDHOOD IN PARANAÍBA (MT): MEMORIES OF FORMER STUDENTS OF EDUCANDÁRIO SANTA CLARA (1955-1958)

ABSTRACT

This research is linked to the field of education and its mainly aimed is to explore historical aspects of the Educandário Santa Clara in the city of Paranaíba (MT). The school was created by local and regional leaders together with members of the Order of Friars Minor (OFM), the Province of Thuringia in Germany, but since its inauguration was run by nuns from Germany, linked to the Congregation of the Franciscan Sisters of Siessen (CIFS). For a period, the care for children was devoted to education in boarding school for girls and mixed boarding school for girls and boys. We chose the time frame of the year 1955/1958 by evoking memories of internal former students interviewed of the institution. Through the interviews, we observe the school routine permeated by schedules, activities and punishments, used in the sense of discipline. Oral sources allowed us to highlight the historical and social processes in the region, childhood and schooling in Educandário Santa Clara. Indeed, the proposal will contribute to current and future generations to preserve the satisfaction of the internal memories of Educandário Santa Clara to serve as a stimulus for further research.

Keywords: Childhood. Memory. Franciscan. Catholic Franciscan education.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara: 1973.

BARROS. Aparecida Maria Almeida Barros. A Educação Franciscana e a Formação de Educadoras para as escolas paroquiais em Goiás. **Poiesis Pedagógica**, v.9, n.1, p.86-108, jan/jun.2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. **Estudos Avançados**, v.5, n.5, p.173-91, 1991.

DUARTE, Fernanda Amélia Leal Borges. A missão franciscana no antigo Mato Grosso: a perseguição dos frades em Paranaíba. **Anais da X Semana de História 2007: história em movimento: caminhos, culturas e fronteiras - 24 a 28 de setembro de 2007**, Campus de Três Lagoas, UFMS Unidade I / 426 p.

JULIÁ, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **RBHE-Revista Brasileira de História da Educação**.n.1, p.9-44,. jan/jun, 2001.

LEAL, G. **Revista 50 anos do Educandário Santa Clara**. 2005.

MARIN, Jéri Roberto. Diálogos e traduções culturais dos franciscanos alemães em Mato Grosso. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, v.3, n. 7, p. 23-45, maio 2010.

PARANAÍBA JORNAL, Paranaíba, Mato Grosso do Sul, 04 jul. 1980.

POUBEL E SILVA, Elisabeth Figueiredo de Sá. **De criança a aluno**: as representações da Escolarização da Infância em Mato Grosso (1910-1927). Tese. São Paulo, USP, 2006.

RODRIGUES, Maysa Gomes. **Dos dizeres sobre a história, a infância e a escolarização: diálogos pertinentes**. 2010.

SIESSEN, Franciscanas. **Nossa História**: quando tudo começou. 2013. Disponível em: <http://www.siesen.com.br/crbst_1.html>. Acesso em: 15 nov. 2013.

VEIGA, Cynthia Greive. Sentimentos de vergonha e embaraço: novos procedimentos disciplinares no processo de escolarização da infância em Minas Gerais no século XIX. **Anais do II Congresso de História da Educação de Minas Gerais**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves. Múltiplas Estratégias de Escolarização da Infância. **III Congresso Brasileiro de História da Educação**: educação Escolar em Perspectiva Histórica. PUCPR. 2004.

Recebido em 28 de novembro de 2015.

Aceito em 24 de fevereiro de 2016.